

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CENTRO DE FORMAÇÃO PARA PROFESSORES
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

INCLUSÃO DOS EXCEPCIONAIS NO ENSINO REGULAR

MARIA DO CARMO BEZERRA

**CAMPINA GRANDE - PB
NOVEMBRO - 2010**

MARIA DO CARMO BEZERRA

INCLUSÃO DOS EXCEPCIONAIS NO ENSINO REGULAR

Monografia apresentada a disciplina Estágio Supervisionado em Docência do curso de Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação do Centro de Formação de Professores na Universidade Federal de Campina Grande, como exigência parcial para conclusão de curso.

Orientadora: Prof^a. Ms. Débia Suênia da Silva Sousa

CAJAZEIRAS - PB
NOVEMBRO - 2010



B574i Bezerra, Maria do Carmo.
Inclusão dos excepcionais no ensino regular / Maria do Carmo Bezerra.- Cajazeiras, 2010.
43f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2010.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Educação inclusiva. 2. Aprendizagem. 3. Pessoas com necessidades educacionais especiais. 4. Ensino regular. I. Sousa, Débia Suênia da Silva. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 376

À minha mãe que hoje está na glória celeste junto do Pai supremo, e que sempre me incentivou em todos os sentidos, mesmo quando estava prestes a desistir me fazia ter forças para continuar. Por essa razão que faço essa dedicatória.

AGRADECIMENTOS

A Deus...

Autor de todo o universo que no seu infinito amor nos dar a oportunidade de sermos seres humanos pensantes e criativos, possibilitando acreditar que somos capazes de vencer, pois é Ele o primeiro de tudo e de todos que nos ver verdadeiramente como realmente somos e pensamos.

Meu pai...

O seu amor me fez acreditar nos meus sonhos e que eu seria capaz de realizá-los.

Meus avós...

Que na sua simplicidade demonstraram interesse para que eu estudasse e, acima de tudo, me incentivaram a ser uma pessoa melhor.

Meus amigos...

Onde pude contar todo tempo, seja nas minhas tristezas, sejam nas minhas alegrias, esses sim, são amigos de verdade, agradeço a Deus todos os dias por ter vocês na minha vida.

Aos Mestres...

Que me fizeram ter visão de mundo diferente, construir minhas próprias opiniões e, sobretudo me incentivaram a ter autonomia. Em especial a minha orientadora, que me fez ver as coisas com mais clareza e detalhes, sempre me orientando com objetividade e precisão.

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
SAUBERERAS - PARAIBA

“Se uma pessoa não pode aprender da maneira
que é ensinada, é melhor ensinar da maneira
que pode aprender”.

Mariom Welchmann

RESUMO

A inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais (NEE's) no ensino regular é uma prática que vem sendo desenvolvida desde século XIX, onde a sociedade passa a perceber que a criança, o jovem e até mesmo o adulto também tem capacidade de ingressar no ensino regular, então as pessoas com necessidades educacionais especiais (NEE'S), de alguma forma deixa de ser excluída e passa a ser incluída no ensino regular, mas para isso se faz necessário várias mudanças tanto no ensino, quanto na estrutura física da escola. O Interesse por este tema, foi pela curiosidade de saber como a escola trabalha com a inclusão desses alunos na sala de aula e a partir daí, contribuir para a aprendizagem do aluno. Esta pesquisa se deu de forma qualitativa com os alunos da Escola Diogo Doulavince Amador. A análise se deu através da coleta de dados a partir da observação sistemática, entrevista semi-estruturada, aula teste e os documentos de memórias, como o diário de campo e portfólio. Foi constatado que os alunos com necessidades educacionais especiais têm aceitação dos colegas e funcionários da escola. E diante das atividades desenvolvidas se fez necessário adaptar os conteúdos para os alunos, pois alguns já eram bem adiantados. Portanto, a inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais no ensino regular é de fundamental importância para o desenvolvimento pedagógico na sala de aula e assim proporcionar aos alunos resultados precisos, para o desenvolvimento cognitivo da criança, do jovem e do adulto com necessidades especiais.

Palavras-chave: Inclusão. Aprendizagem. Pessoas com NEE's.

ABSTRACT

The inclusion of people with special educational needs (SEN's) into mainstream education is a practice that has been developed since the nineteenth century, where society begins to realize that children, young and even adults, also have the capacity to enter into mainstream education, so people with special educational needs (SEN's), somehow cease to be excluded and shall be included in regular education, but it is required several changes in teaching, as in the physical structure of the school. The interest in this subject, it was the curiosity to know how the school works with the inclusion of these students in the classroom and from there to contribute to student learning. This study took a qualitative way with the students of Doulavinca Diego Amador. The analysis was done by collecting data from systematic observation, semistructured interviews, classroom testing and documentation of memories, as the field diary and portfolio. And before this research it was found that pupils with special educational needs have acceptance from peers and school staff. And before the activities it was necessary to adapt the content to students, since some were already well advanced. Therefore the inclusion of people with special educational needs in mainstream education is of fundamental importance for development in the classroom teaching and thus provide students with accurate results for the cognitive development of children, youth and adults with special needs.

Keywords: Inclusion. Learning. People with SEN's.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I – ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	13
1.1 Local da pesquisa.....	14
1.2 Sujeito da pesquisa.....	14
1.3 Tipo de pesquisa.....	14
1.4 Instrumento de coletas de dados.....	15
CAPÍTULO II – INCLUSÃO DOS EXCEPCIONAIS NO ENSINO REGULAR.....	18
2.1 Inclusão dos excepcionais no ensino regular.....	19
2.2 Desafios para uma inclusão mais justa na escola e sociedade.....	20
2.3 A educação inclusiva como algo que deve ser renovado a cada dia.....	22
2.4 Reconhecendo as diferenças.....	23
CAPÍTULO III – NOVAS PERSPECTIVAS DE INCLUSÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS NA ESCOLA REGULAR.....	24
3.1 Novas perspectivas de inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais na escola regular.....	25
3.2 A família primeira escola para uma boa inclusão social e a importância da Acessibilidade na escola e sociedade.....	29
CAPÍTULO IV – MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DO COTIDIANO NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO.....	31
4.1 Memórias e histórias do cotidiano no estágio supervisionado.....	32
4.2 O Estágio como complementação da teoria.....	33
4.3 Atividades trabalhadas no estágio supervisionado na área de conhecimento.....	34
4.3.1 Atividade de português.....	35
4.3.2 Atividades de matemática.....	36

4.3.3 Atividades de História.....	37
4.3.4 Atividades de Ciências.....	38
4.7 Os Educandos e o estágio supervisionado.....	39
CONCLUSÃO.....	41
REFERÊNCIAS.....	42

INTRODUÇÃO

Percebendo os desafios que os excepcionais vêm enfrentando na sociedade atual, como também na escola, tomei a iniciativa de trabalhar com a inclusão de pessoas com necessidades especiais (NEE's) no ensino regular da rede pública, desenvolvendo pesquisas e práticas pedagógicas que viabilizem essa inclusão social.

Diante desse desafio tive oportunidade de fazer uma pesquisa na Escola de Educação Especial Diogo Doulavince Amador, situada na Rua: Edite Ferreira, na cidade de São João do Rio do Peixe – PB, no qual conheci de perto a realidade dos alunos. Ficou evidenciado que a Escola trabalha apenas com os alunos excepcionais, as professoras ainda estão cursando licenciatura em pedagogia e as mesmas dispõem de um conhecimento básico de Libras (Língua Brasileira de Sinais). O trabalho é muito gratificante, pois os alunos com necessidades educacionais especiais são muito inteligentes e não tem como desperdiçar esses talentos que com certeza são raros.

A família dos mesmos se torna, muitas vezes, um problema tanto para as professoras, quanto para o processo de aprendizagem do próprio filho porque alguns pais não o acompanham de perto e nem sentem a necessidade de socializá-los, preferem deixá-los em casa, com medo do preconceito que infelizmente ainda é grande.

Diante dessa problemática, faz-se necessário uma reflexão voltada para as nossas práticas pedagógicas, levando em conta um trabalho que acolha de verdade os nossos alunos com necessidades especiais para que tenham um bom desempenho escolar aproveitando o máximo de suas capacidades intelectuais. E também que proporcione um bom relacionamento com os outros colegas, promovendo assim, a cidadania, de forma real e igualitária.

Acredito que é um grande desafio para as professoras dessa escola, mas não é impossível; é preciso uma conscientização tanto das famílias dos alunos com necessidades especiais, quanto das famílias dos alunos ditos “normais”. O trabalho de inclusão social, na Escola Diogo Doulavince Amador é muito bem elaborado para crianças, jovens e adultos, pois o intuito é integrá-los ao meio social da escola pública. Alguns alunos, inclusive, já frequentam ensino regular, mas a aprendizagem do excepcional ainda acontece de forma precária.

É possível compreender o excepcional como “normal”, pois podem executar trabalhos no meio social com capacidade de responder as exigências do mercado de trabalho. Dessa forma, é preciso estar dispostos e atentos para um melhor atendimento ao aluno com

necessidades especiais, mostrando a sua capacidade de desenvolvimento intelectual e as riquezas de conhecimentos que o mesmo dispõe. Assim é possível construir juntos, uma sociedade igualitária respeitando as diferenças e limitações de cada pessoa, e recuperar a confiança mútua entre os excepcionais e a sociedade em geral.

Devido a sociedade ser ainda muito preconceituosa, que leva em conta apenas a aparência externa das pessoas, torna-se difícil aceitar o diferente no meio social, principalmente, Maria na escola. Contudo, faz-se necessário um questionamento aberto sobre inclusão no ensino regular: em que medida os alunos excepcionais podem sentir-se incluídos na escola regular?

Dessa forma, procurou-se fazer uma análise no processo de inclusão dos excepcionais da Escola Diogo Doulavince Amador, conhecendo a realidade de cada aluno a partir dos contextos sociais e familiares, e assim fazer uma busca de meios que os integrem no mundo do trabalho futuramente.

Diante de pesquisas de leitura e releituras exercidas, optou-se pelas contribuições teóricas das autoras Marilena da Silva Cardoso, Elisa Kern, Marilda Moraes Garcia Bruno, Rosilda Edler Carvalho, Priscila Augusta Lima e Tereza EglérMantoan, pois as mesmas trabalham em uma perspectiva voltada para os alunos com necessidades educacionais especiais, trazendo reflexões voltadas tanto para o professor, quanto para os alunos excepcionais, levando-nos a enxergar além da deficiência que o aluno possui.

Em sua estrutura a monografia esta dividida em capítulos seguidos de conclusão e referências.

O primeiro capítulo abordará a metodologia, que se fez em uma perspectiva voltada para a pesquisa de campo e tem com elemento a pesquisa qualitativa, através da coleta de dados das entrevistas realizadas com os alunos e o trabalho realizado na sala de aula, como o portfólio, o diário de classe.

No segundo capítulo apresentarei uma discussão teórica sobre a Inclusão dos Excepcionais no Ensino regular, os prós e contras de ter um ou mais alunos especiais na sala de aula com crianças "normais", o pensamento dos autores sobre a inclusão dessas pessoas sobre a maneira de trabalhar para que aconteça a inclusão nas escolas regulares, quais os desafios para os professores e para toda a escola. O que dizem as declarações de Salamanca e a lei com relação ao ensino voltado a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais.

No terceiro capítulo, apresenta as declarações dos educandos com NEEs sobre o ensino regular, a forma como o professor pode colaborar com a aprendizagem desses alunos, e em que momento a família colabora ou deixa de colaborar.

O quarto capítulo está voltado para as experiências adquiridas no estágio supervisionado, o que ele proporcionou para o professor e alunos, os benefícios adquiridos na sala de aula para a construção de uma boa interação professor-aluno, o que eles aprenderam, e se valeu a pena os exercícios propostos.

A conclusão aborda os desafios que a inclusão educacional trás para escola e professores; estará explícita também a experiência como docente no estágio supervisionado e como a escola e as famílias podem colaborar para uma boa inclusão.

Os referencias vem por fim, pois foram eles quem trouxe reflexões para fundamentar a temática escolhida como fonte de pesquisa.

CAPÍTULO I

1. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo tem como objetivo, trabalhar em uma expectativa voltada para, a pesquisa qualitativa, através de dados coletados na escola, de um caso específico voltado para educação inclusiva e o diário de classe e portfólio, que com estes instrumentos construí os aspectos metodológicos.

1.1 Locais da pesquisa

A metodologia contribui para desenvolver um caminho a fim de chegar ao objetivo desejado. Para trilhar esse caminho se faz necessário articular diversas estratégias para a construção do conhecimento.

A minha pesquisa foi feita na Escola Diogo Doulavince Amador, localizada na cidade de São João do rio do Peixe – PB, com alunos com necessidades educacionais especiais. A maioria desses alunos, inclusive, já estuda no ensino regular, mas infelizmente nossas escolas ainda não estão adaptadas para recebê-los. Portanto, a busca por métodos que proporcionem ao aluno capacidade de estudar com outros alunos.

1.2 Sujeitos da pesquisa

A população alvo para a realização da pesquisa foram alunos com NEE's da APAE com idade de 8 a 41 anos. Foram entrevistados três crianças e um adulto, todos com necessidades especiais, no qual obtive dados que puderam apresentar as dificuldades encontradas no meio escolar e social. Como também durante os meses de abril e maio foi realizada uma nova entrevista com a professora e alunos da APAE.

1.3 Tipo de pesquisa

A pesquisa foi realizada através do estudo de caso. A escola que exige um trabalho voltado especificamente para os alunos com necessidades especiais é um caso a ser discutido dentro e fora das escolas regulares. Sabe-se que hoje muitas escolas trabalham com o excepcional, mas infelizmente nem todas oferecem o que, de verdade, eles merecem e assim a pesquisa foi desenvolvida por meio de um estudo de caso que:

É o tipo de pesquisa que privilegia um caso particular, uma unidade significativa, considera suficiente para análise de um fenômeno. É importante destacar que, no geral, o estudo de caso, ao realizar um exame minucioso de uma experiência, objetiva colaborar na tomada de decisões sobre o problema estudado, indicando as possibilidades para sua modificação. (GONSALVES, 2003. p. 67).

Dessa forma, compreendo o estudo de caso como fonte importante para o desenvolvimento de um trabalho, buscando fontes minuciosas para que se tenha um melhor aprofundamento no campo de pesquisa.

Este campo de pesquisa exige também que ofereça ao aluno com necessidades educacionais especiais, um trabalho de qualidade, para que possa obter uma melhor compreensão do estudo trabalhado. A pesquisa qualitativa preocupa-se: “[...] com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas, o que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica”. (GONSALVES, 2003, p. 68).

Também foi utilizado como fontes documentais o portfólio que, por sua vez proporcionou a elaboração dos planos de aula e dos exercícios propostos com o objetivo de ajudar a construir o processo de interação professor-aluno. O portfólio foi de fundamental importância para o desenvolvimento das aulas, levando para os alunos a construção da aprendizagem.

A partir do portfólio tive a oportunidade de trabalhar com o diário de classe que teve como objetivo relatar o que acontecia dentro da sala de aula. Saber se realmente o plano tinha sido cumprido, de que maneira os alunos interagem um com o outro e com o professor, e se os conteúdos abordados estavam de acordo com o que a professora tinha proposto.

Portanto, no caso dessa pesquisa o portfólio e o diário de classe se constituem com fontes documentais.

1.4 Instrumentos de coletas de dados

A metodologia permite encontrar o caminho mais adequado que queremos trilhar, e “também deverá explicitar os instrumentos que utilizará na investigação e as fontes de pesquisa” (GONSALVES, 2003, p.61).

A partir da observação obtive dados que demonstram serem, os excepcionais, pessoas capazes de conviver tranquilamente no meio social. E com a entrevista realizada com alunos com necessidades educacionais especiais percebi que,

No processo de investigação social, você estará se deparando, portanto, com dois tipos de sujeitos: o sujeito investigador e o sujeito investigado, este último imerso em uma situação-problema que é o objeto de investigação do primeiro. (GONSALVES, 2001, p. 69).

A pesquisa em geral, nos dar oportunidade de conhecermos o aluno entrevistado de perto, onde o mesmo explicita a sua vivência social e os seus ideais, tornando possível uma aprendizagem mútua e de extrema satisfação.

A entrevista e a observação aconteceram no período da segunda semana do mês de dezembro, do ano 2009. Foram abordados aspectos sobre a realidade da escola e da sala de aula, com a finalidade de coletar informações sobre a metodologia trabalhada nas aulas.

Durante as visitas feitas na escola, a recepção foi muito boa pelos funcionários da escola, principalmente pelo diretor, a professora regente e alunos.

A entrevista foi realizada durante dois dias, pois nem todos os alunos estavam presentes na escola. No primeiro dia, foram entrevistados dois alunos na sala de recurso da APAE, local onde são realizadas atividades que ajudam a melhorar e reforçar o conhecimento dos alunos. Enquanto o primeiro prestava entrevista, o outro aguardava na sala de aula. Os mesmos se dispuseram ao trabalho e ao término da entrevista cada um se dirigia para a sala de aula.

No segundo dia a entrevista foi realizada na mesma sala. Primeiramente foi perguntado ao aluno se ele podia participar da entrevista, a resposta foi positiva e deu-se início à mesma.

Durante a entrevista o aluno se demonstrou a vontade e curioso, enquanto isso os outros ficaram eufóricos para também serem entrevistados.

Esses instrumentos de pesquisa contribuem para uma reflexão relacionada às perspectivas de inclusão que a escola vem desenvolvendo. A intenção desse trabalho foi coletar informações e detectar dificuldades encontradas no processo ensino-aprendizagem, e assim aprimorar as dificuldades, conseqüentemente produzir o planejamento da aula teste do estágio supervisionado.

Ao chegar à sala de aula inicialmente procurei o Projeto Político Pedagógico da Escola, o Calendário Acadêmico e o Plano de Ensino da professora, depois investiguei a estrutura física da escola, o acesso a biblioteca, o ambiente escolar, a relação entre funcionários, principalmente a postura da gestão frente ao cotidiano escolar.

Para as entrevistas, foi utilizado um roteiro flexível em que poderiam ser elaborados novos questionamentos de acordo com a necessidade dos entrevistados, tanto o professor quanto os alunos. As questões direcionadas ao professor foram: a formação acadêmica, o tempo de exercício do ministério, a importância do planejamento para as atividades e a metodologia trabalhada mediante o conhecimento do aluno e do professor frente às dificuldades, desafios e soluções encontradas no dia-a-dia da escola.

Na sala de aula, foram observadas as atitudes profissionais da professora, a forma de organização dos conteúdos, os recursos utilizados para se trabalhar na sala de aula, como se dar a análise do processo avaliativo e a autonomia da professora diante do processo de ensino-aprendizagem entre docentes e discentes.

Com relação aos questionamentos direcionados aos alunos, essas tratavam do gosto pela escola, as disciplinas que mais gostam, os recursos utilizados pelo professor em sala se satisfazem o seu aprendizado, o comportamento do aluno diante da realização das aulas, a relação professor-aluno, e as dificuldades encontradas e qual a opinião dos alunos para a melhoria das aulas.

CAPÍTULO II

2. INCLUSÃO DOS EXCEPCIONAIS NO ENSINO REGULAR

Neste capítulo iremos obter informações sobre o que a sociedade pensava e pensa sobre a inclusão dos excepcionais, tanto no meio social quanto no ensino regular tornando possível uma aprendizagem mútua, pois os alunos com necessidades educacionais especiais têm muito a aprender como também, tem muito a nos ensinar.

2.1 Inclusões dos excepcionais no ensino regular

Na sociedade atual já está existindo um trabalho de inclusão, seja na escola, no meio artístico, na sala de aula e em várias outras atividades que lhe competem, mas isso é uma luta que vem de longe. Antigamente, as crianças com deficiência eram vistas como pessoas inúteis e precisavam ficar em hospitais, para que a sociedade ficasse livre dos mesmos, vejamos o que Cardoso nos diz:

A sociedade toma consciência da necessidade de atender essas pessoas, mais com caráter assistencial que educativo. A assistência era proporcionada em centros, na qual pessoas com deficiência eram atendidas e assim a sociedade era protegida do contato com os anormais. (2006, p17).

A tomada de consciência da sociedade diante das pessoas com necessidades especiais acreditavam que os centros de assistências eram o mais correto e por isso ficavam sem nenhum contato social, perdendo oportunidade de mostrar que também são pessoas capazes de trabalhar, inteligentes e que poderiam viver socialmente.

Diante dessa problemática é necessário um trabalho que façam com que nossos alunos com necessidades educacionais especiais sintam-se incluídos na escola regular, onde todos possam ser iguais diante das diferenças respeitando as limitações de cada um. Todos sabem que esses alunos necessitam de maior atenção e recebem tratamento médico específico, mas nem por isso temos o direito de excluí-los. A Declaração de Salamanca vai dizer que:

As escolas regulares com orientação para a educação inclusiva são o meio mais eficaz no combate às atitudes discriminatórias no combate às atitudes discriminatórias, propiciando condições para o desenvolvimento de comunidades integradas, base da construção da sociedade inclusiva e obtenção de uma real educação para todos (CARDOSO, 2006, p.22).

A partir dessas declarações feitas em Salamanca percebe-se que os alunos com necessidades educacionais especiais passam a ser visto como um ser social e que precisa estar

na escola para que possam ter também o direito de aprender a ler e a escrever como todos, pois é na escola que podemos conviver com várias culturas, etnias etc. Desse jeito, construir seus conhecimentos de forma mútua.

2.2 Desafios para uma inclusão mais justa na escola e sociedade

É preciso tomar consciência de que o aluno com necessidades educacionais especiais necessita de algo mais dinâmico que o leve a uma aprendizagem mais prazerosa e acolhedora, para que se tenha uma sociedade verdadeiramente inclusiva.

A inclusão é um desafio revolucionário, pois possibilita vencer o comodismo levando a trabalhar sempre mais já que a inclusão carece de muita atenção e mudanças tanto no corpo físico da escola como na metodologia utilizada na sala de aula. Cardoso vai dizer que:

O processo inclusivo pode significar uma verdadeira revolução educacional e envolve o descortinar de uma escola eficiente, diferente, aberta, comunitária, solidária e democrática onde a multiplicidade leva-nos a ultrapassar o limite da integração e alcançar a inclusão (2006, p. 24).

Nesse sentido, entendo que o ato de submeter a integrar alunos com necessidades educacionais especiais na escola regular é uma missão difícil porque todas as escolas precisam investir mais, e quando coloca em questão o “descortinar”, quer dizer que é preciso inovar nossas práticas pedagógicas para que os alunos possam aprender mais, conviver melhor e sentir-se incluso na escolar e na sociedade.

A criança com necessidades educacionais especiais deve ser vista como alguém que, apesar de suas limitações, tem capacidade de aprender e, portanto não podemos ignorar seus conhecimentos. Ou seja, “O sujeito é reconhecido como alguém que pode aprender que tem potencialidades. O professor acredita que ele tem possibilidade de aprender, dessa forma, coloca o aluno no lugar de quem tem algo para dar”. (KERN, 2006, p.166).

Quando é dada a criança o valor merecido, com certeza ela irá sentir-se capaz de fazer qualquer coisa, como também, oferecer o que ela tem de melhor para o outro. Mantoan nos diz

que “A inclusão é uma possibilidade que se abre para o aperfeiçoamento da Educação Escolar e para o benefício de todos os alunos, com e sem deficiência”. (2006, p.27). Estar aberto à inclusão significa estar sujeito a novas riquezas e experiências, sendo possível através deles transformar a nossa vida, seja ela como for. Tanto que surpreendemos quando vemos nossos alunos sendo, atores, cantores, artistas plásticos, professores e etc. e, é por isso que: “O especial da Educação tem a ver com a inclusão total, incondicional de todos os alunos às escolas de seu bairro e ultrapassa o grupo dos alunos com deficiência, englobando-os certamente.” (MANTOAN, 2006, p. 37).

Se a escola é acolhedora, trabalha com a inclusão de modo geral, com certeza ultrapassará certo grupo de alunos e realizará um trabalho com todos e para todos, formando cidadãos autênticos e contribuintes para uma melhor convivência social. É gratificante ter um trabalho de inclusão para todos, mas para isso faz necessário que nossas escolas estejam adaptadas para o cadeirante, para o deficiente visual, auditivo e até mesmo o deficiente mental leve. É claro que as discussões sobre inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais no ensino regular vêm desde 1994, conforme as Declarações de Salamanca, mas é importante que trabalhe a inclusão com um todo. Dessa forma, Bruno nos diz que:

A declaração mundial de educação para todos propõe uma educação destinada a satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem, o desenvolvimento pleno das potencialidades humanas, a melhoria da qualidade de vida e do conhecimento, e a participação do cidadão na transformação cultural de sua comunidade (2006, p.12).

A educação para todos deve proporcionar um sujeito pensante e com capacidade para atender as exigências sociais do mercado de trabalho. Porém, isso não pode se resumir apenas aos alunos “normais”, mas que se estenda também aos alunos com necessidades educacionais especiais. Assim,

A educação inclusiva deve ter como ponto de partida o cotidiano: o coletivo, a escola e a classe comum, onde todos os alunos com necessidades educativas, especiais ou não, precisamos aprender, ter acesso ao conhecimento, à cultura e progredir no aspecto pessoal e social (BRUNO 2006, p.15).

Portanto, é preciso fazer com que nossos alunos sintam-se inclusos, fornecendo acessibilidade a todos os alunos com necessidades educacionais especiais. Dessa maneira, formar um ensino que se volte para uma aprendizagem mais concreta e leve os alunos a progredir em todos os sentidos, seja profissional, pessoal e social. Dar a cada um o prazer de viver sem exclusão, com a consciência de que é possível a mudança e a convivência com esses alunos no meio social da escola e da comunidade. Ou seja, “A igualdade diz respeito aos direitos humanos e não às características das pessoas, enquanto seres que sentem, pensam e apresentam necessidades diferenciadas e que por direito de cidadania, devem ser compreendidas.” (CARVALHO, 2000, p.17).

Todos são iguais, só nos resta entender que é possível a vivência social respeitando as diferenças, e isso é um desafio de todos. Compreender e respeitar as limitações de cada um é um direito humano.

No século XXI a proposta é trabalhar uma inclusão mais real, que acredita na potencialidade do outro e dar oportunidades para que assim possam expor suas potencialidades. Para tanto, Lima nos diz que: “A proposta de inclusão de todos como participantes da produção social, cultural e econômica enfatiza a igualdade concreta entre os sujeitos, com o reconhecimento das diferenças no aspecto físico, psicológico e cultural”. (2006, p.21).

Para que essa proposta possa se concretizar é preciso respeito e acreditar que o outro é capaz, principalmente o aluno excepcional. Então, porque não oportunizar a produção social com as diferenças existentes em nosso país? Só precisamos tornar concreta a produção social, cultural e econômica, com os alunos com necessidades educacionais especiais.

2.3 A educação inclusiva como algo que deve ser renovado a cada dia

A educação, assim como ocorre no mundo, não pode deixar de ser renovada, ela precisa também estar em constante mudança. São vários os novos conhecimentos que não podem deixar de serem trabalhados na sala de aula com os alunos. O professor precisa sempre estar pesquisando e buscando inovações sociais. Kern vai dizer que:

A implicação estrutural está associada à busca de elementos referentes ao trabalho social do praticante e à relação com seu enraizamento socioeconômico. Neste sentido, as práticas apresentam um não dito

institucional no campo das relações de produções do sistema de valores que lhe dá coerência interna. Aqui aparecem as relações com o dinheiro, o poder e o saber. (2006. p. 152.)

Todos sabem que no nosso país o educador é muito mal remunerado, o trabalho é complexo e não tem o reconhecimento que merece. Por isso, a educação fica a desejar tanto para os alunos quanto para os professores e a partir daí começa vários questionamentos em torno da educação, e quando se tem em sala de aula alunos com deficiência requer mais inovações e pesquisas em relação do dinheiro, do poder e do saber.

2.4 Reconhecendo as diferenças

O ser humano possui suas diferenças e dentro do contexto social não podemos deixar de notar essas diferenças existentes no nosso meio, e os excepcionais não podem ficar de fora, é por isso que:

O pressuposto da inclusão é justamente reconhecer as diferenças, supõe-se que é preciso trabalhar respeitando estas diferenças. Ao reconhecer que existem diferenças e se necessário trabalhar de forma diferente. Compreender a diferença da criança e proporcionar-lhe o atendimento necessário, vai auxiliá-la a permanecer na escola, ou seja, está incluído. (KERN, 2006. p. 155).

Não se pode ignorar existência de alunos com necessidades especiais em nossa escola, é preciso focar o nosso olhar na criança, no jovem e até mesmo no adulto deficiente, respeitando as limitações e as diferenças de cada um, sem medo de olhar para esses alunos e acreditar que podem nos ajudar a crescer com um conhecimento precioso para a educação de todos.

Portanto, não significa dizer que o professor tem que trabalhar com os alunos “normais” de uma maneira e com os alunos com necessidades especiais de outra, mas trabalhar na dinamicidade, incluindo todos, sem deixar ninguém de fora de sua metodologia praticada em sala de aula.

CAPÍTULO III

3. NOVAS PERSPECTIVAS DE INCLUSÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS NA ESCOLA REGULAR

Neste capítulo iremos fazer uma análise sobre a inclusão na escola regular, quais as perspectivas dos alunos com necessidades educacionais especiais, para que possam sentir-se incluídos na escola regular, onde a educação especial irá em busca de uma educação inclusiva.

3.1 Novas perspectivas de inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais na escola regular

Diante da pesquisa feita na Escola Municipal Diogo Doulavince Amador, tive a oportunidade de entrevistar crianças com deficiência mental, e pude notar que algumas crianças têm dificuldades de estudar no ensino regular. Acredito que é preciso um conhecimento aprofundado do caso de cada aluno com necessidades educacionais especiais, como forma de se obter uma base para oferecer um ensino de qualidade.

Uma das crianças entrevistadas tem deficiência mental, e diz que para que possa sentir-se confortável na escola, “é bom que tenha cadeiras maiores” (Educando I tem 12 anos, do sexo masculino, entrevistado no dia 14 de dezembro de 2010). É um caso que deve ser visto com cuidado, principalmente para crianças com problemas de obesidade, tornando possível a inclusão desses alunos com necessidades especiais. Camacho faz uma observação bem interessante em relação a acessibilidade de alunos com necessidades especiais que muitas vezes torna-se apenas uma “propaganda a mais”, ele nos diz:

Outro termo que tem vigência é o da acessibilidade aos serviços essenciais de Educação e Trabalho como uma forma de integrar-se à comunidade, sem sentir-se rechaçado por ela. Para as pessoas com algum tipo de incapacidade, a falta de acesso aos serviços básicos segue sendo uma fonte de discriminação e de perda de oportunidade (2006. p. 11-12).

A acessibilidade é algo que vem sendo discutido há muito tempo, mas com pouca prática, e nossas escolas infelizmente ainda é muito carente de acessibilidade. Por essa razão é que os alunos com necessidades especiais não se sentem muito a vontade na escola, ocasionando uma evasão escolar seguida de reprovação. Torna-se possível o trabalho igualitário quando estamos dispostos a deixar o comodismo de lado e trabalhar com profissionalismo e mente aberta para a diversidade.

Não tem como trabalhar sem a diversidade, ela nunca deixou e nunca deixará de existir, portanto cabe a nós realizar um trabalho baseado no contexto social de cada aluno. Com os portadores de necessidades especiais não é diferente, apesar de ser um grande desafio, isso não implica abandonar o trabalho com o diferente, pois inevitavelmente convivemos com

ele. Só precisamos entender melhor o que está em nossa volta deixando de lado o preconceito, pois:

A atenção à diversidade na escola e na sociedade pressupõe o reconhecimento do específico e do diverso e implica assumir que cada país deverá definir políticas pensadas desde sua própria realidade, relevantes e apropriadas a seu contexto, sua história e sua cultura. (CAMACHO2006, p.11).

O sistema regular de educação ainda deixa muito a desejar na questão da inclusão de alunos com necessidades especiais, pois exigem psicopedagogo, psicólogos, professores qualificados em libras, no entanto algumas escolas regulares já tenham estrutura para receber alunos com necessidades educacionais especiais. Segundo o senso escolar, no ano de 1998, o número de alunos com necessidades educacionais especiais matriculados em escola regular eram cerca de 337.326, já no ano de 2005 o número cresceu para 640.317. É um bom resultado, mas ainda há muito que fazer para melhorar a aprendizagem dos alunos com necessidades educacionais especiais.

O aluno com necessidades especiais tem grandes expectativas para o ingresso na escola regular, mas ainda com um pouco de medo, pois essa inclusão é algo novo na vida desses alunos. Diante dessas perspectivas, uma aluna, no qual a família acredita ter dislexia, diz que a escola “é boa para que eu aprenda”. (Educanda II, 9 anos, entrevista 14 de dezembro de 2009). Essa aluna tem boas expectativas de aprendizado dentro da escola, já que sente muita dificuldade de aprender devido a sua possível dislexia. E diante deste desafio,

A atenção a diversidade na escola e na sociedade pressupõe o reconhecimento do específico e do diverso implica assumir que cada país deverá definir políticas pensadas desde sua própria realidade, relevantes e apropriadas a seu contexto sua história e sua cultura. (CAMACHO, 2006. p. 11)

Com as perspectivas da criança em relação à escola que diz que a mesma pode aprender convivendo com a diversidade e na escola podemos compreender que é possível trabalhar essas diversidades de culturas, etnias e contextos sociais.

Com relação ao sentimento de acolhida na escola e a vivência social, a educanda II diz que sente a necessidade de “ter mais amigos e mais atenção na escola”, nota-se que essa criança não é muito sociável, justamente porque já cresceu rotulada, ou pela família, ou pelos colegas sentindo-se discriminada, então ela diz “me sinto discriminada, pelos meus colegas, me chamam de doida”. É muito delicado trabalhar esse assunto, pois infelizmente ainda existem casos em que pessoas não compreendem que, “A inclusão social é, então, entendida como contrário de exclusão. Esse é de certa forma, o discurso que circula nas práticas de Educação Especial, há a exclusão ou inclusão”. (KERN, 2006. p. 154).

Diante da realidade escolar compreende-se a inclusão como um processo social da escola e para isso, a prática de educação especial exige o acolhimento dos alunos com necessidades educacionais especiais de maneira justa e sem exclusão. Para que isso ocorra é preciso o reconhecimento das diferenças e dentro da escola, faz-se necessário conscientizar nossos alunos sobre os atos discriminatórios. Para o aluno com necessidades educacionais especiais, o professor deve se tornar o seu ponto seguro, pois a educanda II tem a confiança na professora, como se ela fosse uma base para sua convivência em sala de aula, favorecendo aos colegas de classe evitar atos discriminatórios e aprender a lidar com as diferenças. Ela pede para a professora “brigar com eles”, pois considera a escola como sua segunda casa e diz que a mesma poderia “ajudar minha mãe a cuidar de mim”, é claro que a professora, não pode ser vista como uma babá e cabe a professora conscientizá-la de que pode contar com ela para a construção de conhecimentos e assim valorizar essa criança como um ser dotado de capacidades de progredir, se expressar e ser autônoma.

Em algumas pesquisas nota-se a satisfação dos professores com os resultados dos trabalhos realizados com os alunos com necessidades educacionais especiais, Stobaüs e Mosquera diz;

Os professores relatam satisfações quando seus alunos progredem, não importando tanto se foi pouco, ou conseguem realizar tarefas denominadas atividades de vida diária, diversificadas ou repetitivas, contando necessariamente com o apoio dos pais, dos próprios colegas e direção da escola, da escola em que estão integrando/incluindo o aluno e, sem dúvida da sociedade como um todo. (2006. p. 193)

Quando se trabalha com objetivos de proporcionar ao aluno um aprendizado preciso e o mesmo faz uma boa recepção, o professor com certeza fica satisfeito. De certa forma teve

muitos desafios para conseguir resultados, para isso o professor precisou da confiança dos alunos e o aluno precisou da atenção do professor para que essas atividades atingissem bons resultados.

Outra aluna entrevistada tem deficiência auditiva e teve como interpretes, Gertrudes Dantas e Monyze Alencar. De acordo com a realidade vivida, ela diz que a escola é “importante para conviver com as pessoas”, (educanda III, 41 anos, entrevista dia 15 de dezembro de 2009), diante dessa colocação observa-se que a aluna considera muito positiva a vivência com outras pessoas, pois junto de outras pessoas os sons não são ouvidos, mas sentidos. E isso pode proporcionar ao deficiente auditivo, ser dono de sua própria história e isso é muito importante para a vida dos mesmos. É tanto que na pesquisa de Lara, ela pode observar de perto o sucesso do deficiente auditivo através de [...] dados obtidos ao longo da pesquisa. Pode-se afirmar que alguns surdos obtiveram, e ainda obtêm sucesso na escola porque, basicamente, têm uma família que os apóiam, incentivam e os orientam em todos os momentos: [...] (2006. p.142).

Dependendo da realidade de cada um e principalmente do apoio da família e amigos, com certeza os alunos com necessidades educacionais especiais terão sucesso profissional. E no ponto de vista da Educanda III é de suma importância que a escola ofereça a Libras, pois é através disso, que a comunicação é concretamente realizada entre ela e as demais pessoas. A aluna diz que para se sentir acolhida é preciso que “seja atendida com os recursos que me ajude a ter uma boa aprendizagem”, pois é necessário que a escola ofereça profissionais competentes que interajam os alunos com necessidades auditivas na sociedade. Todos tem capacidade de se comunicar e ao [...] “pôr a língua de sinais ao alcance de todos os surdos deve ser o princípio de uma política linguística, a partir da qual se pode sustentar um projeto educacional mais amplo”. (LARA, 2006. p. 137).

A partir da língua de sinais é que a comunicação se efetiva, e esse é um grande desafio, pois nem todas as escolas têm profissionais qualificados em libras. Por esse motivo a educanda III diz que é “através das libras que consigo entender o que o professor tem a dizer”, sendo sua língua uma, libras passa a ser um grande desafio para alunos e professores, mas de grande valor para a comunicação e para que aconteça a interação professor-aluno. Por essa razão, as pesquisas realizadas por Lara diz que:

Os sujeitos destacaram como importante nessa proposta de Projeto Educacional a necessidade de haver maior integração entre surdos e ouvintes a partir de uma abordagem bilíngue e multicultural que oportunize momentos de aprendizagem significativa, de forma participativa e integrada (2006.p. 144).

De acordo com a realidade da escola e de nossos alunos faz-se necessário proporcionar projetos que levem professores e alunos ouvintes a tomarem conhecimentos da língua de sinais para uma comunicação mais eficaz. É importante que a língua de sinais seja colocada no currículo escolar, para que possa fornecer ao aluno uma formação básica em Libras.

3.2 A família primeira escola para uma boa inclusão social e a importância da Acessibilidade na escola e sociedade

A Educanda IV (12 anos, entrevistada aos 15 de dezembro de 2009), diz que não tem dificuldades com sua família, pois “os meus pais ajudam nas minhas tarefas e eu adoro fazer pinturas e colagens”. Esse é um dos talentos que não podem ser deixados de lado, para isso é preciso um trabalho em conjunto entre o professor, alunos e a família. Essas crianças são inteligentes e buscam o reconhecimento, tanto do professor como também da sociedade. Dessa forma, Capeline diz que alguns autores como:

Sailor, Gee e Karasoff (1993) e Thompson, Wickham, Wegner e Ault (1996) enfatizam que a inclusão pode ser realizada mediante o apoio da família, iniciando precocemente e colocando os suportes possíveis centrados na sala de aula comum. Pois “vários modelos de arranjos entre o professor da sala comum e o professor especialista estão mostrando resultados expressivos” (2003.p. 02).

Esse pressuposto é muito importante para o desenvolvimento dos alunos com necessidades educacionais especiais (ANEE's), a família deve estar sempre presente na vida de nossos alunos. É fundamental o professor receber o apoio da família para se obter resultados de qualidade e assim ter todos trabalhando em prol de uma sociedade mais justa e respeitosa, constituindo uma escola onde haja menos discriminação.

Pois a educanda IV diz que na escola regular existem momentos em que os alunos discriminam os colegas. Vejamos o que ela diz, “eu sou discriminada pelos colegas maiores e queria que a professora falasse com os outros alunos pra não me apelidar”.

Essa é uma situação desafiadora, pois as crianças precisam do apoio do professor e se esse não satisfizer as necessidades existentes entre seus alunos torna-se difícil o diálogo e o controle da sala de aula.

O ensino regular deixa muito a desejar para as pessoas com deficiência na minha cidade, a acessibilidade é muito precária e falta um ambiente mais confortável, não só para os alunos com necessidades especiais, mas também todos em geral.

CAPÍTULO IV

4. MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DO COTIDIANO NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Neste capítulo irei comentar sobre as experiências e práticas vivenciadas no estágio supervisionado; onde o mesmo nos proporciona um entendimento mais preciso com relação ao que estudamos teoricamente. Também foram trabalhadas atividades voltadas às áreas de conhecimentos, que assim se deu à organização e desenvolvimento do planejamento para o desenvolvimento das aulas. Desta forma, explicitar as reações dos educandos diante da prática desenvolvida durante o estágio.

4.1 Memórias e histórias do cotidiano no estágio supervisionado

Para poder entender o que se diz sobre educação, ensino e aprendizagem, é necessário a prática. Tudo que é trabalhado na teoria muitas vezes não corresponde, na prática, com a realidade, existindo o risco de nos decepcionar, e é por isso que é preciso fazer diferente, Pimenta vai dizer que,

A prática pela prática e o emprego de técnicas sem a devida reflexão podem reforçar a ilusão de que há uma prática sem teoria ou de uma teoria desvinculada da prática. Tanto é que frequentemente os alunos afirmam que 'na minha prática a teoria é outra'. Ou pode-se ver em painéis de propaganda: "A faculdade onde a prática não é apenas teoria", ou ainda o adágio, que se tornou popular, de que 'quem sabe faz; quem não sabe ensina'. (2004. p. 37).

É interessante esse posicionamento de Pimenta, pois mostra que o trabalho não pode se resumir somente a prática devendo existir um momento de reflexão e estudo, para que não corra risco de a prática ficar sem sentido, sem valor. Acredito que a teoria é a complementação da prática, um depende do outro para se obter um bom resultado. O estágio é uma oportunidade muito importante para refletir sobre essas questões que Pimenta aponta. Será que realmente na prática, a teoria é outra? Tudo o que aprendemos no decorrer do curso com a teoria não tivemos chance de aplicar ou de ensinar na prática?

No meu ponto de vista posso dizer que a teoria foi de fundamental importância diante do que aprendi em psicologia, didática, como também em outras disciplinas, adquirindo grande valor para o desenvolvimento dos trabalhos. Portanto, prática e teoria devem caminhar sempre juntas.

No decorrer do estágio me deparei com problemas específicos da sala de aula correndo o risco se prender ao ensino tradicional, onde quem manda na sala de aula é o professor e o aluno para se defender, ou para chamar a atenção começa a fazer coisas desagradáveis, como até mesmo bater em seu colega. Desta forma, percebi a complexidade de ensinar e sobre isso Pimenta nos chama a atenção dizendo que:

O processo educativo é mais amplo, complexo e inclui situações específicas de treino, mas não pode ser reduzido a este. [...] Portanto, a habilidade que o professor deve desenvolver é saber lançar mão adequadamente das técnicas conforme as diversas e diferentes situações em que o ensino ocorre, o que necessariamente implica a criação de novas técnicas. (2004. p. 38).

Faz-se necessário, como professores, fazer valer à pena o que aprendemos teoricamente e, por sua vez se lançar e trabalhar sem medo o que aprendeu. Embora o ensino tradicional ainda prevaleça nas escolas acredito que o processo de formação está se modernizando, com possibilidade de mudar para melhor o nosso método de ensino.

4.2 O Estágio como complementação da teoria

É extremamente satisfatório trabalhar o ensino voltado para a inclusão e o estágio veio proporcionar isso para minha vida, pois esse trabalho me deu oportunidade de vivenciar a realidade e compreender que é de suma importância para o meu desenvolvimento profissional e conseqüentemente para todos os envolvidos.

O intuito desse capítulo é relatar as atividades desenvolvidas na sala de aula durante o estágio supervisionado que teve a finalidade trabalhar de forma objetiva o tema em questão, “Inclusão dos excepcionais no ensino regular”.

Trabalhei conteúdos orientados pela professora regente da sala sob orientação da orientadora. Encontrei algumas dificuldades, pois não tenho experiência em sala de aula, mas não posso negar como é gratificante observar de perto as necessidades dos alunos e tentar, na medida do possível, supri-las. Os alunos tem ansiedade de aprender e muitas vezes não consegui atingir o objetivo que estava no plano, pois os alunos mais adiantados chegavam a atrapalhar as aulas. No entanto, percebi o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, o interesse de aprender a ler, a conhecer as letras, os numerais, e isso foi muito interessante. Nesse sentido, Capellini afirma que:

Estudos têm mostrado que crianças com necessidades educacionais especiais em situações de ensino regular têm melhor desempenho social e acadêmico, quando comparadas às que só recebem Educação Especial, destacando a importância da fusão Educação Especial com a Educação Regular [...]. (2003. p. 01).

Fica evidenciado acima que não podemos fechar os olhos para esse desempenho do aluno com necessidades educacionais especiais no ensino regular. É como se agente devolvesse para eles o direito de aprender e eles sabem receber essa aprendizagem, cada um, é claro, na sua limitação, mas quem não é limitado, não é verdade?

Nesse período de estágio, diante do desafio de ensinar a alunos com necessidades educacionais especiais fui descobrindo o talento de cada um. Foi muito interessante ver a vontade deles de querer fazer, desenvolver, participar da aula, de entender o que eu estava falando ou até mesmo o que estava escrito em um cartaz, e tive também a oportunidade de aprender um pouco de libras com uma aluna que tinha deficiência auditiva.

4.3 Atividades trabalhadas no estágio supervisionado na área de conhecimento

Durante o estágio aconteceu a semana do excepcional. Foi muito gratificante, pois esse evento contou com o envolvimento de todos que fazem parte da escola, diretor, professores, colaboradores e principalmente, os alunos que realizaram uma exposição de trabalhos produzidos por eles próprios em oficinas pedagógicas, como: pinturas, artesanato, mosaico, pintura de desenhos. Foram atividades muito proveitosas onde os alunos trabalharam realmente a sua coordenação motora e a percepção. Trabalhou-se também o filme “O Sonho de Inacim”, produzido na cidade de Cajazeiras e que conta a história do Padre Rolim, “o homem que ensinou a Paraíba a ler”, além disso, retrata um pouco da nossa cultura regional. Também foi exibido o filme “A Orquestra dos Meninos”, um filme pernambucano que trata de um assunto voltado para a música, a história de um maestro acusado de sequestrar uma criança que, aliás, fazia parte da orquestra coordenada pelo personagem de Murilo Rosa. Realizou-se também uma brinquedoteca que levou aprendizado aos alunos através de jogos pedagógicos voltados para a matemática, português e a higiene pessoal.

No decorrer do estágio foram trabalhadas as disciplinas de português, matemática, história e arte. Foram realizadas atividades de leituras, colagem, exposição de cartazes e etc. E para que elas tivessem um bom desenvolvimento foi necessária uma pesquisa muito aprofundada dos conteúdos propostos. Pimenta vai dizer que; [...] “a pesquisa é componente essencial das práticas de estágio, apontando novas possibilidades de ensinar e aprender a profissão docente, inclusive para os professores formadores,” [...]. (2004. p. 114). Para que se

possa ter um estágio de qualidade se faz necessário um aprofundamento, para assim enriquecer a formação docente.

4.3.1 Atividade de português

Para desenvolver a atividade de Português tive que trabalhar o alfabeto maiúsculo e minúsculo, para os alunos que ainda estão conhecendo as letras. Como mostra a seguir as atividades propostas;

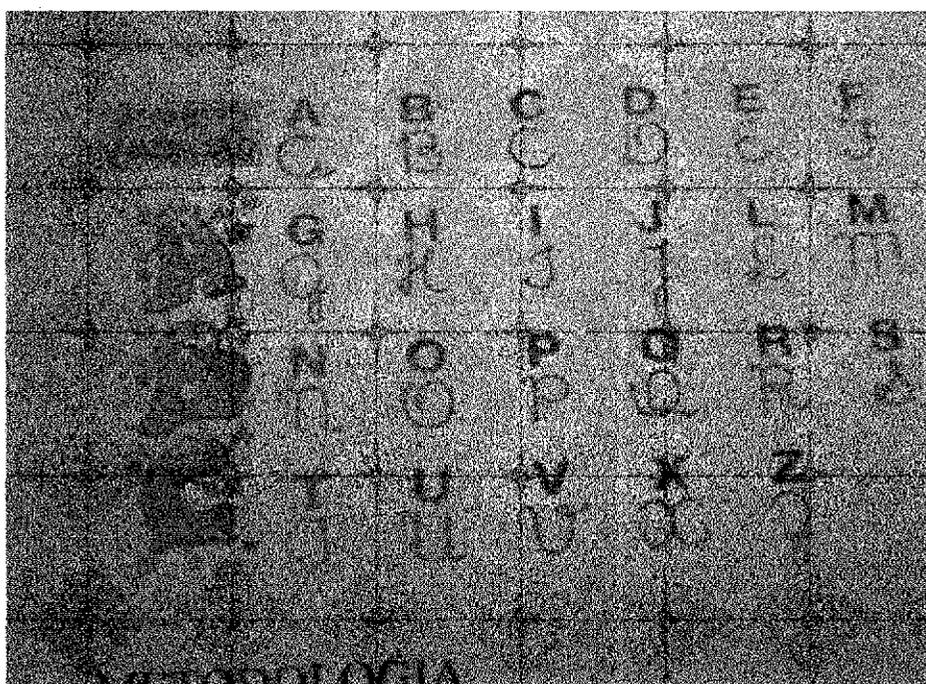
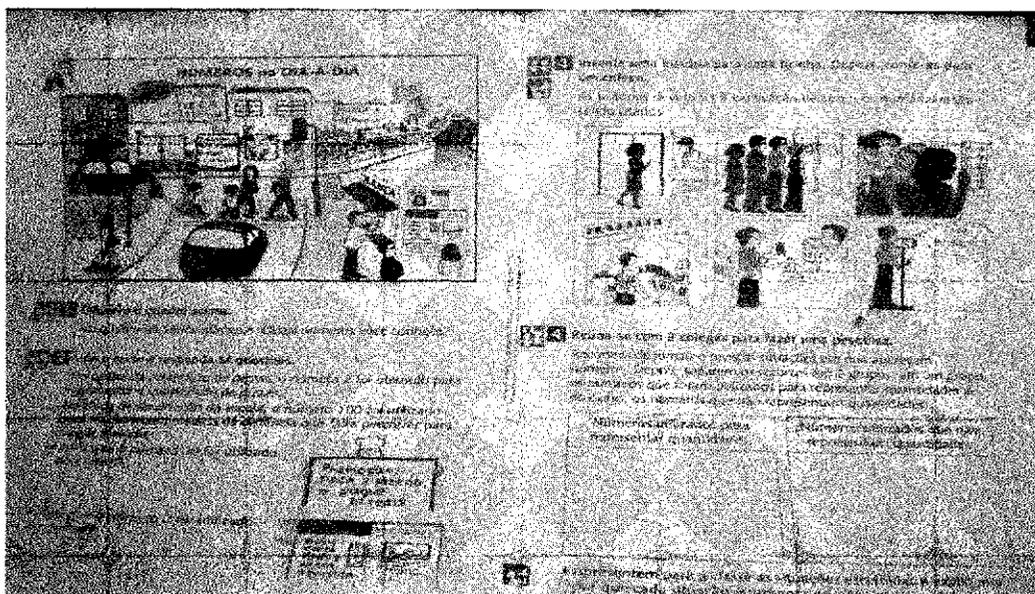


Figura 1 - Exposição de cartaz com as letras do alfabeto

Essa atividade foi trabalhada para que o aluno tivesse um conhecimento aprofundado das letras, e diante dessa exposição “mostrei através de cartazes as formas das letras e para saber se estes tinham entendido, passei uma atividade escrita, que proporcionou ao educando um entendimento mais aprofundado sobre o alfabeto”. (DIÁRIO DE CAMPO, 29/08/2010) Onde podemos observar na atividade à baixo.



“O objetivo foi fazer com que os alunos compreendessem a importância dos números para nossa vida” (DIÁRIO DE CAMPO, 01/09/2010). Diante dessa atividade os educandos compreenderam e ficaram muito mais curiosos com relação à matemática. Dessa forma, a matemática proporciona uma perspectiva de trabalho positiva e eficaz, atendendo as expectativas dos alunos e professores.

4.3.3 Atividades de História

O desenvolvimento dos trabalhos com a história foi voltado para o folclore brasileiro, a formação da família e a importância de ser criança. Houve a confecção de cartazes contendo a árvore genealógica. Essas atividades foram desenvolvidas com a expectativa de compreender o entendimento que os educandos tinham em relação ao seio familiar e assim “compreendi a rebeldia de alguns”. (DIÁRIO DE CAMPO, 08/09/2010).

Vejamos abaixo a exposição do cartaz feito em sala de aula;

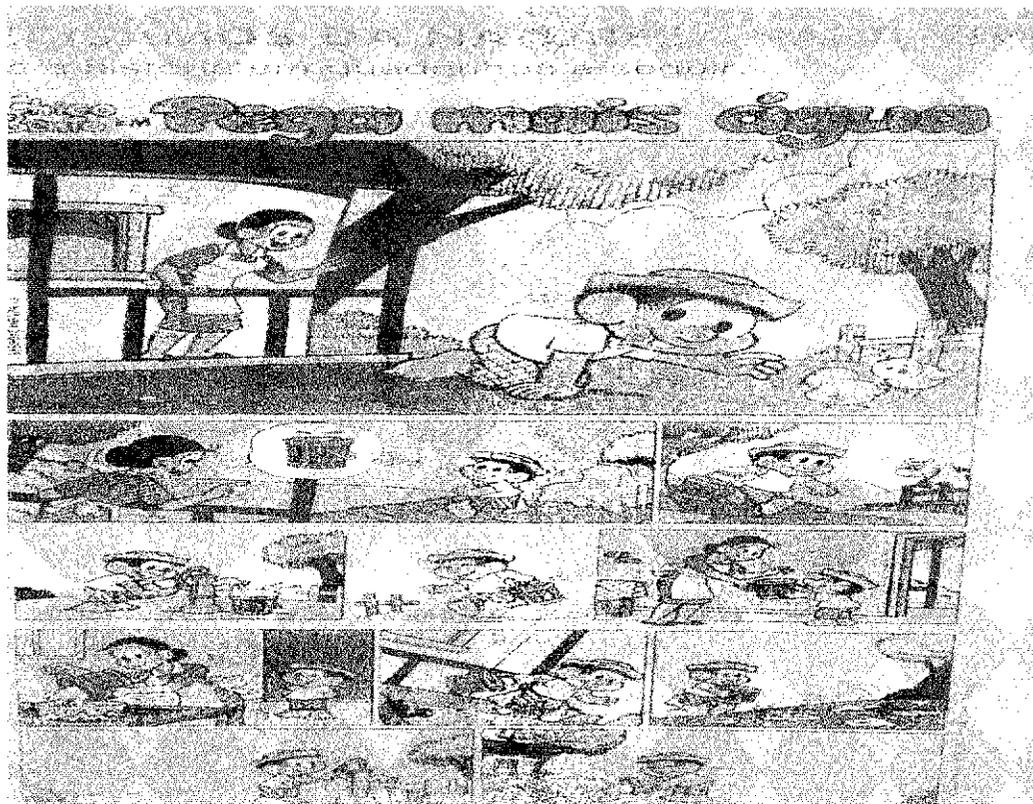


Essas atividades foram exercidas através de perguntas orais e escritas, logo em seguida os alunos expuseram suas curiosidades sobre a família. Nessa perspectiva, as aulas trabalhadas na disciplina de história foram proveitosas e os educandos participaram com atenção demonstrando interesse pelo conteúdo apresentado.

Com relação ao folclore, o trabalho foi voltado para apresentação de “personagens do folclore que os alunos já vinham pintando e montando, e para finalizar realizou-se um trabalho com dobraduras do personagem o boto” (DIÁRIO DE CAMPO, 14/09/2010)

4.3.4 Atividades de Ciências

Na disciplina de ciências o trabalho foi sobre a importância da água. Foi desenvolvido através de uma apresentação de gibis, no qual os educandos expuseram sua imaginação, pois tiveram a oportunidade de contar a estória com suas próprias palavras. Vejamos abaixo o cartaz exposto para a execução da aula.



Com essa dinâmica os educandos perceberam a importância da água na vida das pessoas “esta proposta é de grande importância porque os alunos não compreendiam o quanto de água eles gastavam na escola sem necessidade. E para que os alunos tivessem esse conhecimento pedi para cada um observar o cartaz em silêncio e, logo depois contar a estória que estavam vendo através dos gibis” (DIÁRIO DE CAMPO, 20/09/2010).

4.4 Os Educandos e o estágio supervisionado

Foi muito proveito a participação dos educandos durante as aulas, pois mesmo tendo dificuldades para aprender, mostravam interesse pelo assunto proposto. A maioria da turma eram alunos com necessidades educacionais especiais e se mostraram muito atentos durante as aulas. Existia sempre um respeito mútuo e um grande companheirismo, contudo Mantoan vai dizer que isso pode ser evidenciado através de um maior conhecimento sobre o processo educativo, proposto a seguir:

O processo educativo vai proporcionar todo esse convívio positivo, pois vai atuar na construção de personalidades humanas, autônomas, críticas, onde crianças e jovens tendem a serem pessoas de bem [...], os alunos são orientados a valorizarem a diferença, pela convivência e pelo clima sócio afetivo das relações estabelecidas em toda a comunidade escolar, sempre, com espírito solidário e participativo. (2006. p. 45.).

A vivência com outras pessoas proporciona uma melhor relação de sociedade fazendo com que os educandos aprendam a conviver de forma igualitária. Dessa forma, as relações humanas se fazem presente no cotidiano dos alunos promovendo a interação entre eles. Embora na escola a maioria dos alunos possuíssem necessidades especiais, os outros que eram “normais”, também interagiam com eles e todos frequentavam as aulas com muito interesse. Contudo, observou-se que foi através do trabalho artesanal e colagens que o desenvolvimento cognitivo e a coordenação motora dos educandos se desenvolveram mais rápidos e os mesmos ficaram mais atentos. As atividades foram realizadas com algumas dificuldades, mas com precisão. Portanto, no decorrer do estágio as aulas foram desenvolvidas de forma bem sucedida onde realmente acontecia a aprendizagem. O foco era sempre o objeto de estudo “a inclusão dos excepcionais no ensino regular”. Foi ao mesmo tempo uma experiência nova e difícil, pois as referências disponíveis eram poucas e para fazer a interação das disciplinas de forma que os alunos compreendessem o conteúdo proposto se fez necessário conhecer a realidade do aluno, as suas dificuldades dentro da sala de aula, e assim preparar atividades ligadas ao conteúdo proposto.

O estágio trouxe muitas experiências para a futura carreira docente, pois o trabalho de professor requer muitas responsabilidades e preparação, precisando estar sempre atualizado como sendo um eterno estudante e aberto as novas mudanças, principalmente com a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais.

CONCLUSÃO

Diante de tudo que foi apresentado é visível que o ensino regular precisa de mais estrutura para trabalhar com os alunos com necessidades educacionais especiais, tanto a estrutura física da escola como a dos professores, para que tenham capacidade de trabalhar, para isso faltam recurso e uma boa formação docente. É realmente um grande desafio, pois os alunos muitas vezes sentem-se discriminados, ou até mesmo dificuldades de acompanhar a evolução da turma.

O estágio nos dar oportunidade de vivenciar e compreender as dificuldades do dia-a-dia, a interação professor-aluno, o trabalho que se realiza de forma dinâmica para uma aprendizagem mais significativa, tanto do aluno quanto do professor, fazendo acontecer a reciprocidade. Dessa maneira, o estágio proporcionou praticar o que aprendemos, uma experiência única que leva a aprender e errar juntos.

É certo afirmar que os alunos com necessidades educacionais especiais sentem o desejo de aprender, mas ainda é muito pouco o que a escola oferece para o desenvolvimento de sua aprendizagem. Nosso ensino ainda deixa muito a desejar fazendo necessário trabalhar a inclusão de maneira sólida, onde o aluno possa ser tratado de forma igual, e assim conscientizar pais, alunos e professores sobre a importância da inclusão escolar para uma sociedade mais justa e igualitária.

Em suma, entende-se que a escola, juntamente com a família deve proporcionar aos alunos uma inclusão mais efetiva, onde todos possam ter uma escola com ensino de qualidade para todos, e que os alunos não se sintam excluídos pelos colegas nem mesmo pelos professores.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Monyze. Interprete de Línguas de sinais da Escola Especial Diogo Doulavince Amador.

BRUNO, Marilda Moraes Garcia. **Educação infantil: saberes e práticas da inclusão: introdução**. MEC, Secretaria de Educação Especial, 4 ed. Brasília: 2006.

CAMACHO, Orlando Terrá. Atenção à diversidade e educação especial. IN. STOBÄUS, ClausDieter. MOSQUERA, Juan José Mouruño. (orgs.) **Educação especial: em direção à educação inclusiva**. 3 ed. Porto Alegre: Edipucrs. 2006.

CARDOSO, Marilene da Silva. Aspectos históricos da educação especial: da exclusão à inclusão – uma longa caminhada. IN. STOBÄUS, ClausDieter. MOSQUERA, Juan José Mouruño. (orgs.) **Educação especial: em direção à educação inclusiva**. 3 ed. Porto Alegre: Edipucrs. 2006.

CARVALHO, RositaEdler. **Educação inclusiva: com os pingos nos “is”**. Rio de Janeiro: Mediação, 2000.

CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho. (PPG-EES/ UFSCAR) MENDES, Enicéia Gonçalves. (PPG-EES/ UFSCAR). **Alunos com Necessidades Educacionais Especiais em Classes Comuns: Avaliação do Rendimento Acadêmico**. Disponível em: <<http://www.educacaoonline.pro.br/index.php>> Acesso: 07 de novembro de 2010.

FONTES DOCUMENTAIS: **Diário de campo** – São João do Rio do Peixe – PB. 23 de agosto a 21 de setembro. **Portfólio** – Arquivo dos planos de aula e das atividades utilizadas no estágio – São João do Rio do Peixe – PB. 23 de agosto a 21 de setembro.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

KERN, Elisa. O processo de inclusão/exclusão: uma possibilidade de (re)significar práticas. IN. STOBÁUS, ClausDieter. MOSQUERA, Juan José Mouruño. (orgs.) **Educação especial: em direção à educação inclusiva**. 3 ed. Porto Alegre: Edipucrs.: 2006.

LARA, Alvira Themis Silveira. Processo Formal de Educação de pessoas surdas: subsídios para a (re) construção do espaço educacional para portadores de surdez. IN. STOBÁUS, ClausDieter. MOSQUERA, Juan José Mouruño. (orgs.) **Educação especial: em direção à educação inclusiva**. 3 ed. Porto Alegre: Edipucrs. 2006.

LIMA, Priscila Augusta. **Educação inclusiva e igualdade social**. São Paulo: Avercamp. 2006.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér, Uma escola de todos, para todos e com todos: o mote da inclusão. IN. STOBÁUS, ClausDieter. MOSQUERA, Juan José Mouruño. (orgs.) **Educação especial: em direção à educação inclusiva**. 3 ed. Porto Alegre: Edipucrs. 2006.

NETA, Gertrudes Dantas. Interprete de Línguas de sinais da Escola Especial Diogo Doulavince Amador.

STOBÁUS, ClausDieter., MOSQUERA, Juan José Mouruño. (orgs.). Professor, personalidade saudável e relações interpessoais: por uma educação da afetividade na educação especial. IN. STOBÁUS, ClausDieter. e MOSQUERA, Juan José Mouruño. (orgs.) **Educação especial: em direção à educação inclusiva**. 3 ed. Porto Alegre: Edipucrs. 2006.